

ANTES DO PONTO FINAL
(subúrbio em transe)

Warley Matias de Souza

ANTES DO PONTO FINAL
(subúrbio em transe)



Souza, Warley Matias de, 1974-

Antes do ponto final: subúrbio em transe / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2023.
81 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-63306-1

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

ANTES DO PONTO FINAL

Copyright © 2023 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer
processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

miss simpatia. Sapatos amarelos aparentemente de couro de cobra, mas na verdade de plástico, com lacinho dianteiro e salto baixo. Calça *jeans* preta, colada ao corpo. Blusa amarela do uniforme da empresa de transporte onde trabalha. Apresenta uma ligeira barriguinha. Usa batom vermelho escuro. Seus dentes incisivos são bem maiores do que os outros, o que lhe permite simpáticos sorrisos, enquanto franze o nariz arrebitado. Os brincos são duas argolas brancas e grandes, uma em cada orelha. Está sentada, encostada no respaldo da poltrona situada na lateral do ônibus, em frente à roleta. Sorri muito e conversa bastante com todos os passageiros, enquanto faz caretas, sempre a franzir o nariz. Uma mulher do tipo expressiva. Seu cabelo cacheado vai até os ombros, tem uma cor indistinta entre o amarelo e o laranja. Sua pele é escura. Deve estar na casa dos trinta anos. Uma coisa é certa, está apaixonada pelo motorista da linha 351. Ele, no entanto, é namorado de um professor de Matemática que trabalha numa escola pública da periferia. Ela mora com um cara aí já faz uns dois anos, gosta dele, é bom de cama, mas preguiçoso. Homem que é sustentado por mulher não presta, é isso que ela pensa, seu pensamento nunca ultrapassará o senso comum. Está preocupada com o aumento do aluguel do barracão de fundos onde ela mora com o cara e o filho de sete anos, que não é desse cara, é do anterior a ele, morto num assalto, levaram seu celular e sua vida. Há também a dívida do cartão de crédito. Porém ela ainda ousa sonhar, quem sabe com a casa própria, o motorista da linha 351, deixar de ser cobradora, ser

motorista, ou não trabalhar, ganhar na loteria, ficar famosa. O movimento no ônibus está tranquilo. Tira uma *selfie* e a compartilha em uma rede social.

leandro. Rude. Trabalhador braçal. Se esbarram na rua. Não vê por onde anda, cidadão? Mal se olham, o homem tímido é um homem de nuvens, pouco afeito à realidade. Intelectualidade sem chão. No dia seguinte, se esbarram no mesmo lugar e na mesma hora. Ah, cidadão, isso é de propósito? Pega o intelectual tímido pelo colarinho puído, muito branco de tanto lavar. Os olhos se tocam. O homem rude, vulcânico, olhar de fera. O homem tímido, nublado, olhar de criança. Clichê. Os olhos são o espelho da alma. Se reconhecem, se cheiram como cães alados. Depois de medo, o homem tímido sente desejo. Ou o desejo vem antes do medo? O homem rude tem uma ereção ao sentir aquele hálito de limão. Rimas nunca são despropositais. No terceiro dia, o encontro é intencional. Sem esbarrões, só esperas. O homem rude leva o homem tímido pra casa, ambos silenciosos no ônibus. No sexo, o homem tímido é violento e dominador, enquanto o homem rude é frágil, carente de afeto e dor. Rimas nunca são despropositais. O homem rude tem uma briga, chega na casa do homem tímido — vampiro pálido que gosta da dor — e cospe sangue. Quando o homem tímido lhe entrega o poema escrito no primeiro dia em que se esbarraram, o homem rude fica surpreso com o seu nome no título: Leandro. O coração acelera, pois, pela primeira vez, é protagonista na vida. Entende, portanto, que

deve sua existência ao outro: pálido, vampiro, acolhedor. Da dor obtém o prazer. Dá aqui bem na minha cara. O homem tímido dá um soco tímido e gosta. O segundo já é mais robusto. O terceiro, colossal. O rosto do homem rude, com o tempo, fica deformado. E isso o faz ser ainda mais amado pelo seu boxeador. Eles não sabem parar, já que a dor e o prazer são vícios. A morte precisa agir. Ela arrebatava um dos dois. O mundo volta a girar.

rainbow down. Ele atravessa a rua. É negro, e usa boné vermelho. Pendente no ombro direito, uma bolsa grande. Ele está de óculos escuros. Usa camisa de malha branca e bermuda *jeans*. Calça seus pés um par de mocassins azuis. Tem uma barbiga proeminente, e sua altura é de mais ou menos um metro e meio. Seus movimentos são femininos, delicados. Para no ponto de ônibus e espera. Ele é sério, daqueles que não querem nem precisam interagir com os outros. Uma mulher grita com as crianças, fala alto, dá risadas escandalosas. Ele a olha pelo rabo dos olhos e pensa no quão certas pessoas são mal-educadas. Quando o ônibus para, a mulher e as crianças entram primeiro. Ele entra depois de todos, senta-se. Desce dez minutos depois. Pessoas o olham, pessoas comentam. Acharam engraçado “um *down* bicha”. Ele há muito tempo deixou de se importar com elas. Tem trinta e dois anos, é independente (até onde a sociedade permite). Toca a campainha, a tia não gosta de interfone. Ela vem abrir o portão. Ele entra e dá dois beijinhos no rosto dela, um em cada bochecha. A tia sorri, ele

é tão carinhoso. “Fecha o portão, que preciso tirar o bolo do forno.” Antes de fechar o portão, ele lança um olhar pra oficina em frente. Um dos mecânicos lhe sorri e, com a mão sobre a calça, segura a “trouxa”, manda um beijinho. Há maldade naqueles gestos. Os outros homens sorriem e balançam a cabeça de um lado pro outro.

marmitex. “Qual o número da sua casa? Tá difícil de enxergar.” “Três-sete-cinco.” “Então é aqui mesmo. No Centro não tava chovendo. A chuva me pegou ali no bairro...” “Ah, tá.” “Espera um pouco, tenho que ter cuidado pra tirar aqui.” “Você foi esperto, parou debaixo da árvore.” “Entregador tem que se virar. Aqui o marmitex.” “Eu vou pagar em dinheiro. No aplicativo, eu coloquei cartão, mas tá chovendo, então... Tem problema?” “Não.” “*Okay*. Obrigado.” “Peraí, falta a salada.” “Ah, é.” Alto, voz mansa, calmo. Com o capacete, não dá pra ver o rosto. As partes do corpo que não tomam sol devem ser bem claras. “Obrigado.” “Eu que agradeço.” “Eu queria te fazer uma pergunta.” “Pode fazer.” “Você mora aqui no bairro? Acho que já te vi.” “Já morei aqui sim.” “Até mais então.” No dia seguinte, durante a tarde: “Lembra de mim?” “Quem tá falando?” “Ontem entreguei um marmitex aí no seu bairro, na sua casa.” “Ah...” “Não tinha ninguém pra ligar.” “Que foi? Tá chorando?” “Descobri que vou morrer, cara.” “Todos vamos.” “Não é brincadeira, tenho câncer, três meses de vida.” “Ah...” “Posso ir aí na sua casa?” “Uhm... tá bom. Te espero.” “Mas dessa vez eu vou de ônibus.”